

Na própria pele

(Foto: Tania Rego Agencia Brasil)



PRECONCEITO Chaga aberta na sociedade, o preconceito racial deve ser encarado como um mal social a ser extirpado urgentemente

José Batista Neto

Em nome de uma suposta “superioridade” de raças, milhões de pessoas tiveram suas vidas interrompidas. Sob os auspícios de governos e de grupos religiosos, uma herança foi transmitida para os dias atuais e marca as pessoas. O racismo sobrevive de forma endêmica, deixando uma sensação de que os homens foram capazes de evoluir em vários aspectos, menos na sua tendência a rotular o “diferente”, com destaque para a cor da pele. Das caravelas do tráfico negreiro aos shopping centers, mais vivo do que nunca, o preconceito racial contradiz o princípio de que a unicidade da hu-

manidade nasce e se fundamenta nas suas diferenças.

Milhares de depoimentos e testemunhos publicados diariamente nas redes sociais confirmam que a cor da pele é um dos combustíveis da máquina de intolerância que segue esquadrinhando, segregando e destruindo vidas. “Todo negro já passou ou irá passar por constrangimentos gerados pelo preconceito racial. E se ainda não passou é porque essa pessoa está por nascer”. Esse depoimento realista do universitário Adriano Amaro faz eco a todos os depoimentos que recolhemos para esta matéria e que demonstram que o preconceito

racial continua sendo um problema atualíssimo no nosso país.

“Recordo-me claramente de um desses momentos, os quais não desejo a ninguém. Nos festejos juninos da minha turma da sexta série do Ensino Fundamental, a direção da escola orientou os professores a formar casais matutos para dançar. Eu sempre admirei essa época festiva. As duplas começaram a se formar e, por último, restou eu e uma menina. A professora nos olhou diretamente e orientou a formarmos uma dupla. A menina, me olhou da cabeça aos pés, disse em tom alto que não iria dançar comigo: Professora, ele não combina comigo,



“Todo negro já passou ou irá passar por constrangimentos gerados pelo preconceito racial. E se ainda não passou é porque essa pessoa está por nascer”
Adriano Amaro, estudante de Jornalismo, Cupira-PE



“Entra todo mundo, menos você! Foi notório o preconceito por causa da minha cor”
Idelbrando Pontes, Blogueiro, Sairé-PE



“Quando estávamos brincando, eu e alguns amigos, aí eu fui excluído da brincadeira por um menino por ser negro”
Ricardo Trindade, Funcionário Público, Camocim de São Félix-PE

somos de cores diferentes”, Relembra Amaro.

O depoimento de Ricardo Trindade, funcionário público de Camocim de São Félix/PE, também confirma o quanto o preconceito continua marcando a vida das pessoas. Ele recorda um fato emblemático nesse sentido: “Quando estávamos brincando, eu e alguns amigos, aí eu fui excluído da brincadeira por um menino por ser negro”.

Felizmente, a exposição quase diária de casos de preconceito raciais nos Meios de Comunicação está chamando a atenção da opinião pública para a gravidade do problema. Um quadro exibido no Programa Fantástico, da TV Globo, no dia 21 de junho 2015, mostrou isso. Na cena devidamente montada, uma garota de cor clara marcou encontro com o seu pai para apresentar o namorado de pele escura. A reação explosiva e preconceituosa do suposto genitor gerou, de imediato, uma reação de reprovação das pessoas que estavam sentadas em mesas ao lado.

No entanto, os depoimentos confirmam que estamos só no início de uma mudança real de mentalidade. “Eu sou blogueiro e um certo dia estava acontecendo um evento de grande porte no município onde resido.

Fui fazer a cobertura do mesmo, mas chegando ao local me deparei com um funcionário que disse: ‘Entra todo mundo, menos você! Foi notório o preconceito por causa da minha cor’”, relatou Idelbrando Pontes, de Sairé/PE.

Questão cultural

Para o professor Glauber Salomão, da Faculdade Asces, que, recentemente, organizou o livro “Direito à Diversidade” juntamente com a professora de Direito Carolina Valença Ferraz, as práticas racistas estão incrustadas na sociedade, nas práticas sociais cotidianas, porque o racismo consiste na prática de atos de discriminação baseados na raça ou etnia decorrendo do pensamento que supõe a existência de uma desigualdade natural entre as pessoas. “De modo que é necessário, além de punir, trabalhar para modificar uma cultura racista que vigora em nossa sociedade, modificar toda uma maneira de pensar e de agir”, defende o professor.

Por ser uma questão cultural, a luta contra o racismo deve ser constante e sistemática. Essa é a opinião do estudante Amaro, para quem o preconceito racial permeia todas as relações sociais no Brasil. “Há uma

tentativa deficiente das políticas sociais e governamentais ao tentar combater o racismo no Brasil. As tentativas de combate devem ser amplas e constantes. Implantar nas escolas, políticas e disciplinas voltadas para o respeito e igualdade social. Deixar claro aos alunos que todos têm mesmas capacidades e habilidades”, afirma o universitário.

Para Glauber Salomão, o racismo, assim como todos os discursos discriminatórios contra os demais grupos socialmente vulneráveis, está pautado numa premissa falsa: a superioridade natural de pessoas ou grupos em detrimento de outros, por motivos étnicos ou raciais. Obviamente, trata-se, segundo o pesquisador, de uma falácia. “O racismo é uma prática odiosa sob qualquer aspecto e, portanto, deve ser combatido de forma muito efetiva”, afirma o professor.

Essa superioridade “natural”, segundo Salomão, é fruto de uma cultura distorcida, que enxerga no outro alguém inferior ou indigno de proteção, tão somente por ser “diferente”. Por isso, para ele, é preciso reforçar, a fim de não deixar dúvida: “As diferenças entre as pessoas devem ser estimuladas e preservadas como parte integrante da vida”.